

História da Mannesmann no Brasil (Fim)

7-1-66

RUBEM BRAGA

CONCLUO hoje a transcrição do trecho do livro «A Escalada», em que Afonso Arinos de Melo Franco conta sua intervenção como deputado, em janeiro de 1949, na votação de um projeto que envolvia disfarçadamente interesses da Mannesmann de Dusseldorf no Brasil.

«Feita toda a montagem da «nacionalização» da firma alemã, pediram os testas-de-ferro devolução dos bens incorporados ao fundo de indenização alegando serem brasileiros. Tendo a agência competente recusado essa providência administrativa, os interessados acharam deputados que introduzissem, na lei, este artigo que os acobertava: «Ficam liberados para serem restituídos, os bens, direitos e ações tomados a brasileiros sem processo judicial e incorporados ao Fundo de Indenização por decreto publicado depois da Constituição Federal vigente».

O texto se ajustava como uma luva àquele caso. Não interessa recordar aqui os nomes dos parlamentares aparentemente envolvidos naquela transação que como eu disse da tribuna, visava proteger «uma associação celerada, uma composição de traidores, que serviram, durante a guerra em que o Brasil lançava na luta pela sobrevivência democrática, de instrumentos de capitais alemães, e que hoje pretendem desviar o fundo de indenização que por lei, seria entregue em benefício dos «pracinhas» e das demais vítimas da guerra, a fim de se locupletarem».

Desci da tribuna deixando a Câmara golpeada pela natureza e nitidez das informações. A votação foi suspensa. O relator efetivo, deputado Antônio Feliciano, que se achava em São Paulo, consultado pelo telefone, aconselhava o adiamento. Ficou-se de consultar o próprio presidente da República, visto que as informações vinham do Itamarati. No dia seguinte a bomba estourou na imprensa com rumor de escândalo. Manchetes, artigos, reportagens sucederam-se sobre o caso. Alguns interesses contrariados se fizeram também sentir, embora quase imperceptivelmente, em verrinas desprezíveis contra o ministro e contra mim. Mas o tumor ficara furado. Os ratos se meteram nas tocas. A firma alemã não pôde arrancar o dinheiro das viúvas e dos órfãos, dos submarinos nazistas: tirar a parte do leão, depois de distribuídas algumas gorjetas aos seus serviços.

Depois da guerra, normalizadas as nossas relações, ela pôde vir para o Brasil e aqui instalou a sua indústria.

Aí termina o trecho do livro de Afonso Arinos, trecho escrito em julho de 1963, muito antes, portanto, do escândalo do lançamento de títulos no mercado paralelo. Achei que interessaria aos compradores desses títulos conhecer esses antecedentes das atividades da Mannesmann de Dusseldorf no Brasil. Aos compradores e também, possivelmente, às autoridades que investigam e decidem hoje, sobre os negócios da Mannesmann em nosso país: assim, pelo menos, saberão com quem estão lidando...